

# DIZER ALGO SOBRE ESTAR AQUI:

## MANIFESTOS

### VAGA-MUNDO: POÉTICAS NÔMADES

O grupo de pesquisa Vaga-Mundo: poéticas nômades (CNPq/UnB) foi fundado em 2014 pela Profa. Dra. Karina Dias e hoje é coordenado em parceria com a Profa. Dra. Júlia Milward. Com dez anos de atuação no cenário artístico-cultural nacional, reúne artistas de diferentes poéticas e origens geográficas vinculados ao Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Aliando a prática artística e a reflexão teórica, a intenção do grupo é construir uma poética nômade surgida de deslocamentos a partir de expedições artísticas em espaços extremos. Articulamos projetos individuais e coletivos que versam sobre paisagem, viagem, geopoética, lugar e modos de imaginação com investigações realizadas em diversas linguagens. Desse movimento surgem as coordenadas vaga-mundo: expedição, exposição e escrita.

Os vagas: Aline Cibebe, Danna Lua Irigaray, Júlia Milward, Karina Dias, Laura Papa, Levi Orthof, Marcia Regina, Mariana Siqueira, Marina Raimundini, Raísa Curty, Thalita Perfeito.

Em Parque das Ruínas, a poeta Marília Garcia propõe “(...) dizer algo sobre estar aqui.” Os dois pontos que terminam esse fragmento foram um aceno para pensarmos coletivamente o aqui em tempos de extinção do futuro. Retomando a acepção mais antiga de manifesto que é o de ser aquilo que é compreensível, claro, aparente, evidente, formado de muitas mãos agarradas, de braço a braço, propomos esse texto como um pequeno manifesto especulativo poético. Uma escrita polifônica tecida sobre o mesmo suporte, um espaço virtual compartilhado, em que as palavras que ecoam distâncias se reúnem como uma forma de repetir, repetir mais uma vez, em viva voz: ainda estamos aqui. Para nós, o aqui pode ser também uma tecnologia de fazer futuros e revolver o presente.

geopoética,  
modos de  
imaginação,  
escrita  
coletiva.

Em “Parque das Ruínas”, a poeta Marília Garcia propõe “(...) dizer algo sobre estar aqui:” Os dois pontos que terminam esse fragmento de texto foram um aceno para pensarmos coletivamente o aqui em tempos de discursos sobre a extinção do futuro. Retomando a acepção mais antiga de manifesto que é o de ser aquilo que é compreensível, claro, aparente, evidente, formado de muitas mãos agarradas, de braço a braço, propomos esse texto como um pequeno manifesto especulativo poético em cinco atos.

Este manifesto foi lido no Museu Nacional Honestino Guimarães em Brasília, em 18 de setembro de 2024, entre 11h46 e 12h06; e na Faculdade de Educação (FE/UFG) em Goiânia, em 26 de setembro de 2024, entre 11h e 12h32 no VI Colóquio Internacional Estéticas no Centro. A primeira versão foi publicada nos anais do 23º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, em Brasília. Desdobrou-se como filme-ensaio exibido no dia 17 de maio de 2025 às 17h, na exposição Pistas de Voo do grupo Vaga-mundo: Poéticas Nômades, na galeria DeCurators, em Brasília. Em 17 de setembro, às 18h44, foi apresentado no 58º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, e em 09 de novembro, às 14h30, no Festival internacional de videopoesia Moon em Oeiras, Portugal. O filme-ensaio também será apresentado em 13 de dezembro às 15h, no Festival Curta Brasília - Mostra Tesourinha, no Cine Brasília.

Agradecemos à arquivista Angela Schmidt e à equipe do Alaska Film Archives — University of Alaska Fairbanks pelas mensagens cordiais e por gentilmente abrirem seus acervos ao Vaga-Mundo. As imagens Inuítes do lançamento de manta que integram o filme-ensaio, gravadas entre 1959 e 1965, foram cedidas pela instituição.



FIGURA 1  
STILL DO FILME *DIZER ALGO SOBRE ESTAR AQUI*: (2025)  
VAGA-MUNDO POÉTICAS NÔMADES / ARQUIVO DO ALASKA FILM ARCHIVES.

## 1 — “Procuro algo azul para te dizer”<sup>1</sup>

“Os papéis são vossos. Escrevei o que vos convier” (SHÔNAGON, 2013, p.9), disseram. E há mil anos uma mulher escreveu um diário.<sup>2</sup> E há 30 mil anos alguém escreveu as mãos sobre a parede da caverna.<sup>3</sup> Algumas em azul. E há 48 anos uma mulher escreveu: “Nenhuma explicação foi encontrada para esta prática”. (DURAS, 1986, p.93) As mãos-vestígio, capazes de interromper o desaparecimento, acenam que o azul é ao mesmo tempo hoje e milhares de anos atrás. Na paisagem renascentista, é o lugar mais distante e onde tudo se dissolve. No espaço do geógrafo, é a fronteira entre o visível e o invisível, é o vazio do deserto, é a tempestade (DARDEL, 2011). Depois do azul, outro lugar e a noite ronda. Em algum lugar, é o título do livro de capa azul que me acompanha. Nele leio: “Eu não sou trovão, eu sou o movimento da terra ...” (BACON, 2018, p.46) A escrita começa na matéria terrestre. Talvez o azul possa esperar: o tempo mineral dos pigmentos; o tempo da velocidade da luz em distâncias solares da fotografia; o tempo do fôlego embaixo d’água; o tempo da árvore virar papel; o tempo de adormecer ouvindo histórias; o tempo do que vê a flecha até pousar no alvo; o tempo de escrever colocando um pé — depois — o outro. “Me lembro primeiro das coisas azuis”, escreve Marília Garcia (2023, p.90). Me lembro também do lápis-lazúli da dobra do manto, do pastel-de-tintureiro fermentado dos uniformes, do azul maia dos Sacerdotes de Vênus de Cacaxtla, do azul-da-prússia, do cobalto na sombra impressionista, do índigo do Àdìrẹ iorubá e da “hora azul”, que é, na verdade, um minuto: pouco antes do amanhecer, quando os pássaros noturnos já dormiram e os diurnos ainda não acordaram.<sup>4</sup> Para dizer do azul, às vezes, só é possível no silêncio. Ninguém toca o azul com as próprias mãos.<sup>5</sup>

---

1 No original: *I was looking for something blue to tell you*. SILVA, 2023, p.9

2 *O Livro do Travesseiro* (Makurano Sôshi) foi redigido entre os anos de 994 e 1001, pela dama Sei Shônagon.

3 Gruta de Gargas, França.

4 A reflexão a respeito da “hora azul” faz parte do filme “As 4 Aventuras de Reinette e Mirabelle”, de Eric Rohmer (1987).

5 Trecho da paisagem sonora Coisazul em Invenções de Mundos, grupo de dança coisazul, 2021.



FIGURA 2  
STILL DO FILME *DIZER ALGO SOBRE ESTAR AQUI: (2025)*  
VAGA-MUNDO POÉTICAS NÔMADES / ARQUIVO DO ALASKA FILM ARCHIVES.



## 2 — Viva Voz

Em viva voz estamos: o rugido dos furacões, o uivo dos maremotos, o estrondo do vulcão, o iceberg arranhando o chão do oceano, o chiado das florestas, o murmúrio das estrelas, a noite quando toca a montanha, o frêmito da espuma na onda que quebra. O esturro da onça, o aulido do lobo, o tropeço do saruê, o farfalho do redemoinho vermelho, o estalo da canela-de-ema pegando fogo, a gargalhada do acauã, o lamento do urutau, o miado da cobra. Em viva voz estamos: o rio que se anuncia entre ruas, os ventos que aprendem a língua da cidade. A mão que toca a areia do deserto. O grito de alerta. O coro coletivo e a voz solitária. A voz que lê encontra a voz que escreve. A voz, sempre viva. Sempre-viva, que também é o nome de uma flor, lavanda do mar ou sempre-viva-azul. No mediterrâneo e no oriente médio, crescem espontaneamente. Ouvimos no rádio que a extensão do mediterrâneo se desenha até onde vão as últimas oliveiras.<sup>6</sup> A voz do rádio ecoando até hoje uma árvore. Em viva voz estamos. Bernie Krause (2012) nos explica que a paisagem sonora é composta por diferentes assinaturas de som: a geofonia, os sons gerados pelos não biológicos como rios, pedras e ventos; a biofonia, os sons gerados pelos organismos vivos não humanos; e a antropofonia, os sons produzidos pelos seres humanos. Todos acontecem ao mesmo tempo. Uma mulher parindo grita todas as vozes do mundo que um dia pariu. Dizem que toda vez que brota uma semente na terra, é possível ouvir um som parecido com o estouro de uma pipoca. Há plantas que explodem, assim como os vulcões, para disseminar as suas sementes. Enquanto isso, uma voz grita há mais de trinta mil anos nas paredes das grutas Magdalenianas e Duras escreve para não falar, para se calar, para gritar sem barulho.

---

6 No programa Pingue Pongue, episódio Da Maneira Mais Simples, veiculado pela Rádio Rtp, Antena 3, Portugal.



FIGURA 3  
STILL DO FILME *DIZER ALGO SOBRE ESTAR AQUI: (2025)*  
VAGA-MUNDO POÉTICAS NÔMADES / ARQUIVO DO ALASKA FILM ARCHIVES.



### 3 — Ponto de encontro

“Em algum lugar uma rocha, sobre outra rocha indica a minha presença” (BACON, 2018, p.5), escreve a poeta *Innue* Joséphine Bacon. Há ponto de encontro na paisagem. O aqui é um aceno, um aceno entre espécies. Essa página. Cabeça sobre traveseiro. Corpo sobre chão. Estrela sobre pálpebra. Voz sobre ouvido. Uma carta. A mesa. A linha do telefone sem fio. Se marcássemos cada um de nós em um mapa esticado com o ponto de encontro ao centro, cada seta apontaria para um ponto cardeal. O aqui, quando compartilhado nas distâncias, é uma rosa dos ventos virada para dentro. Quando dois olhos se olham sem desviar, podemos chamar essa ação de ponto de encontro. Tal gesto aponta para a transparência da mesma forma de uma água viva. De repente, é possível ver dentro. Respondendo ao convite da busca do tempo perdido de Proust, Elida Tessler<sup>7</sup> marca cada palavra *tempo*, encontrada em um trajeto de 2408 páginas, com o carimbo “Você está aqui”, o mesmo dos mapas de transporte parisiense. *Você está aqui* - um ponto de localização que se torna encontro. Estar aqui neste espaço da página, no tempo que nos reúne. Um ponto de encontro entre Marcel, Elida e eu (ou você). Aptidão que a matéria tem. Palavra, folha em branco. A origem não é necessariamente um começo. O que rege a coerência da vida? Aonde te encontro? Deveria saber tocar piano. Volto à pergunta: como estar aqui em nossas distâncias? Um ponto de encontro é também lugar marcado para rotas de fuga. Queria encontrar um lugar azul para te ligar e dizer, com os braços no ar, em viva voz: cheguei!

---

7 O trabalho de Elida Tessler pode ser visualizado no site da artista: <https://www.elidatessler.site/vousetesici>.



FIGURA 4  
STILL DO FILME *DIZER ALGO SOBRE ESTAR AQUI: (2025)*  
VAGA-MUNDO POÉTICAS NÔMADES / ARQUIVO DO ALASKA FILM ARCHIVES.

## 4 — Deitar no chão

A prática do repouso demonstra a intimidade do chão: não é estático. Se pudesse compartilhar a imagem que vejo agora, seria da Txai, a felina que mora comigo, deitada no chão. Ela me convoca a fazer o mesmo. Deitar no chão, estar sobre, abaixo, dentro e diante de. Existem também as coisas que se deitam no chão, por acaso, destino, acidente. Sei Shônagon escreveu: “Coisas que perdem a pose. Um grande barco encalhado na maré baixa. Uma grande árvore derrubada pelo vento, tombada com as raízes à mostra” (2013, p.251). Talvez Txai indique que o chão é onde se abandona a verticalidade. Sua barriga subindo e descendo suavemente parece estar em sintonia com os fluxos que pulsam abaixo. “Então descemos para o centro da terra”, escreve Marília Garcia (2023, p. 83). Percorrendo as profundezas das raízes de uma árvore, ela se abaixa, deita, cola o ouvido ao chão. Passa a ouvir um ruído constante, um barulho surdo e contínuo. Pergunta: “seria o ruído do tempo?” (ibid, p. 104). Há algo de primordial nessa conexão com a terra, essa superfície porosa que nos sustenta. Para além dos segredos tectônicos, correm pelo chão formas de vida de reinos diversos, finíssimo micélio, ovos esperando a eclosão, caminhos de artrópodes que se cruzam. Deitar no chão é também um levantar. No centro da Ceilândia, sentada em um banco, Mariana Siqueira ouviu de Cali: “Eu era criança. Balançava sempre muito alto, e sempre caía na terra. Uma vez caí e fiquei olhando para o céu. Senti que fui mais alto parado no chão” (2023, p.82). Deitar no chão pode ser ler o céu, perder a pose, estar em posição de sonho ou de escrever cartas para as estrelas. Nessa posição, o centro do corpo se torna um eixo.



FIGURA 5  
STILL DO FILME *DIZER ALGO SOBRE ESTAR AQUI: (2025)*  
VAGA-MUNDO POÉTICAS NÔMADES / ARQUIVO DO ALASKA FILM ARCHIVES.

## 5 — Braço a braço

Braço a braço, dia a dia, palavra a palavra. Na dúvida entre escrever e dançar, dançar. Dar o braço a torcer. Girar. Até cair no chão. Até que outro braço ofereça o levante. O gesto de um membro após o outro confere o movimento do corpo. Em distintas articulações, braços se organizam como asas ou barbatanas. Deve-se encontrar um ritmo em comum com aqueles que voam, nadam, rastejam e correm. Uma das origens possíveis para a ciranda está no vai e vem das ondas e no fluxo contínuo das águas – rio que encontra mar que volta a ser rio. Aprendi que a ciranda começa com o pé esquerdo e não se dança apenas de mãos dadas. Antes das mãos se tocarem, são os braços que se entrelaçam. Lembro da imagem da passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro, em que um grupo de estudantes, compõe uma barreira que avança no espaço, desenhando uma linha fronteira no asfalto cinza, semi coberto por brancos retângulos de pequenos papéis. Para saltar alturas precisamos estar juntos, os inuit nos ensinam isso no jogo aéreo do lançamento de manta. Um largo tecido de pele de morsa é esticado por muitas mãos e, ao centro, uma pessoa se posiciona para ser lançada no ar. Um trampolim humano, um salto coletivo. Braço a braço é estrutura, mirante, horizonte comum. Onde foram parar os sonhos coletivos? Um círculo não tem início nem fim.

## Referências Bibliográficas

*As 4 Aventuras de Reinette e Mirabelle*. Direção: Eric Rohmer. França: Les Films du Losange, 1987. 1 filme (99min).

BACON, Joséphine. *Uiesh (Quelque part)*. Québec: Mémoire d'encrier, 2018.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DURAS, Marguerite. *Les mains négatives, in: Le Navire Night*. Tradução livre. França: Le Mercure de France, 1986.

GARCIA, Marília. *Expedição: nebulosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

\_\_\_\_\_. *Parque das ruínas*. São Paulo: Luna Parque, 2018.

KRAUSE, Bernie. *The great animal orchestra: Finding the origins of music in the world's wild places*. New York-Boston-London: Back Bay Books, 2012.

PINGUE PONGUE, *Da Maneira Mais Simples*, Rádio Rtp, Antena 3, Portugal. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p2015/e625663/pingue-pongue>.

SHÔNAGON, Sei. *O livro do travesseiro*. Org: Madalena N. Hashimoto Cordaro. Trads. Geny Wakisaka, Junko Ota, Luiza Nana Yoshida, Madalena Natsuko Hashimoto Cordaro e Shirlei Lica Ichisato Hashimoto. São Paulo: Editora 34, 2013.

SILVA, Aline Cibeles. *Sobre o azul: cartas, cadernos e cavernas*. 2023. 148 f., il. Trabalho de conclusão de curso, (Bacharelado em Teoria, Crítica e História da Arte) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

SIQUEIRA, Mariana Nunes. *Recolho memórias lugares, gestos e palavras*. 2023. 90 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Teoria, Crítica e História da Arte) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023.





VAGA-MUNDO POÉTICAS NÔMADES.  
FOTO: DIEGO BRESANI.